

Expectativas do Mercado

Contrariando expectativas, o PIB dos EUA registrou contração de 0,1% no último trimestre de 2012, segundo o Departamento do Comércio daquele país. Apesar disso, fechou o ano com alta de 2,2%, superando o de 2011 (1,8%).

Essa contração decorreu do recuo da despesa pública e das exportações, cujos efeitos foram, em parte, compensados pela elevação do investimento privado, pelo consumo das famílias e pela queda das importações, sinalizando recuperação do setor privado.

Merece destaque também a manutenção, pela Câmara dos Representantes, do pacote de isenção de impostos, que vigorava desde a era George W. Bush, evitando o “abismo fiscal” (aumento generalizado de impostos e corte expressivo dos gastos públicos).

A taxa de desemprego, no país, registrou aumento de 0,1 ponto percentual em janeiro deste ano, passando para 7,9%. Mas, ainda assim, está abaixo da registrada na média de 2012 (8,1%).

Na região do Euro, a taxa de desemprego permaneceu no nível recorde de 11,7%, em dezembro de 2012, com Grécia e Espanha encabeçando o *ranking* (taxas de 26,8% e 26,1%, respectivamente). A estimativa da Comissão Europeia para o PIB da região, em 2012, é de contração de 0,4%, devendo apresentar aumento de apenas 0,1% em 2013, o que sinaliza lenta recuperação.

Segundo o Birô Nacional de Estatísticas chinês, o PIB da China cresceu 7,8% em 2012, menor crescimento desde 1999. Para 2013, o Banco Mundial estima alta de 8,4% da economia chinesa, mas essa situação pode não se confirmar, caso os investimentos declinem e/ou o comércio internacional piore.

No Brasil, a produção industrial ficou estável, em dezembro de 2012, sobre o mês anterior, mas fechou o ano com queda de 2,7%, após avançar 10,5% em 2010 e 0,4% em 2011. Para 2013, a previsão é de alta de 3,5% da produção industrial, com o PIB devendo crescer pouco acima de 3,0%.

A mediana das expectativas de analistas do mercado financeiro em relação à variação do PIB brasileiro, em 2012, foi rebaixada para 0,95% ao ano e, em 2013, para 3,10%. Já a expectativa para a inflação (IPCA) é de que feche 2013 em 5,68%, com tendência de ligeira queda nos anos seguintes. A taxa básica de juros (Selic), por sua vez, deve fechar 2013 também em 7,25%, elevando-se em 2014 e 2015. Já a taxa de câmbio tende a se manter estável, oscilando pouco acima de R\$ 2,00 por dólar.

Quadro – Expectativas do Mercado

	Unidade de Medida	2012	2013	2014	2015	2016
PIB	% a.a. no ano	0,95	3,10	3,70	3,60	3,50
IPCA	% a.a. no ano	5,84*	5,68	5,50	5,20	5,00
Taxa Selic	% a.a. em dez.	7,25*	7,25	8,25	8,50	7,88
Taxa de Câmbio	R\$/US\$ em dez.	2,04*	2,05	2,07	2,10	2,11

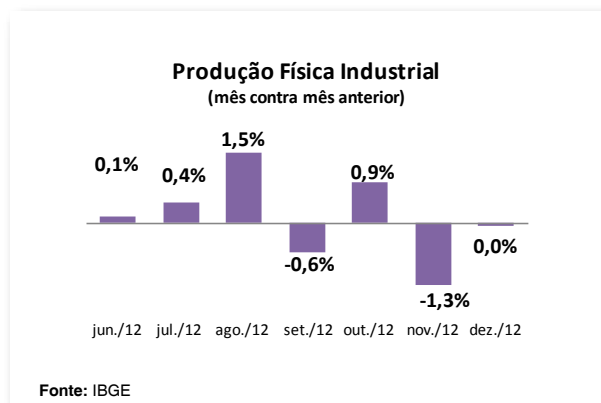
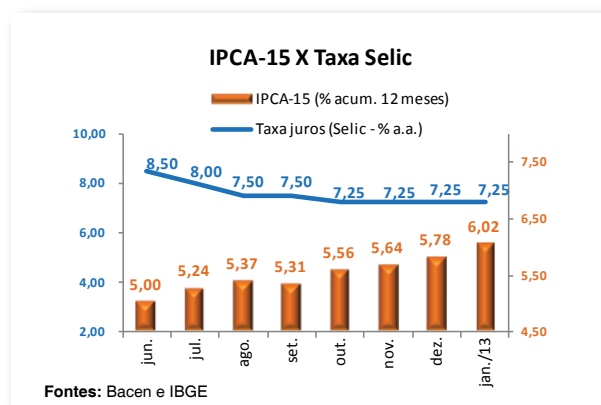
Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 01/02/2013

*Valores já fechados/consolidados

Confira os últimos estudos/pesquisas da UGE:

- Índice de Confiança dos Pequenos Negócios no Brasil
- Empreendedorismo no Brasil: Relatório executivo 2012 (GEM)

Acesse esses e outros estudos e pesquisas no *site*: <http://www.sebrae.com.br/estudos-e-pesquisas>

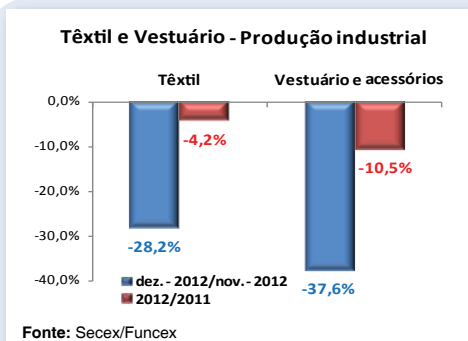


Notícias Setoriais

COMÉRCIO VAREJISTA

O Comércio Varejista, em novembro de 2012, registrou alta de 0,3% no volume de vendas, pelo sexto mês consecutivo, e de 0,8% na receita nominal sobre o mês anterior (nono mês seguido), feito o ajuste sazonal. Em relação ao mesmo mês de 2011, os aumentos foram de, respectivamente, 8,4% e 13,7%, destacando-se, no tocante ao volume de vendas, os segmentos “Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo” e “Móveis e eletrodomésticos”, ambos com crescimento de 8,3% cada. Esse desempenho foi possibilitado pelo maior poder de compra da população, efeito do aumento da massa de rendimento e estabilidade de emprego. Para 2013, a expectativa é de continuidade de crescimento das vendas do varejo.

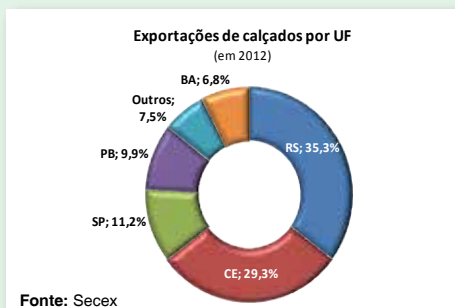
TÊXTIL E VESTUÁRIO



A produção física da indústria Têxtil declinou 28,2% em dezembro ante o mês anterior (com ajuste sazonal) e fechou 2012 com queda de 4,2%. Já a produção de Vestuário e acessórios registrou queda ainda maior em dezembro sobre novembro (-37,6%), acumulando retração de 10,5% em 2012. As exportações de Vestuário e seus acessórios, por sua vez, também registraram queda de 4,7% em dezembro ante o mês anterior, acumulando retração de 13,4% em 2012. Embora as importações tenham mostrado declínio ainda maior (de 14,4%), em dezembro, fecharam 2012 com aumento de 23,7%. A expectativa é de que a produção retome o crescimento em 2013, tendo em vista as medidas de incentivo à indústria, implementadas pelo governo no ano passado, como as desonerações da folha de pagamento e a atual conjuntura macroeconômica de menor nível de taxas de juros e câmbio mais desvalorizado.

CALÇADOS

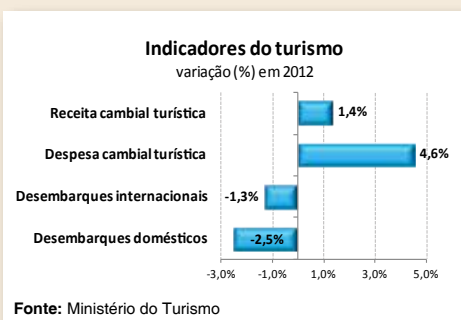
Em dezembro de 2012, a produção brasileira de calçados e artigos de couro registrou queda de 34,7% sobre o mês anterior, acumulando retração de 3,6% no ano. As exportações de calçados, em dezembro do ano passado, também computaram diminuição (-20,2%) sobre novembro, fechando 2012 com queda de 14,1% em valor (US\$). Já as importações aumentaram 90% em dezembro, acumulando alta de 25% em 2012. Apesar da queda das exportações e do aumento das importações, a balança comercial do segmento acumulou superávit de US\$ 672 milhões em 2012. O Rio Grande do Sul foi o estado que mais exportou (em US\$), seguido do CE, SP e PB. O valor médio por par saiu de US\$ 11,47 para US\$ 9,65, de dez/2011 a dez/2012, o que representou queda de 16,0%. As medidas de incentivo à economia, implementadas pelo governo, e o câmbio desvalorizado devem proporcionar maior competitividade às empresas brasileiras em 2013.



MÓVEIS

O setor mobiliário também computou queda na produção em dezembro ante o mês anterior (de 9,9%). Porém, fechou o ano com alta de 0,7% na produção. A balança comercial, por sua vez, acumulou superávit de US\$ 414 milhões em 2012. As perspectivas para as empresas do setor continuam favoráveis, tendo em vista a inclusão do setor no Plano Brasil Maior, que passará a pagar imposto de apenas 1% sobre o faturamento, ao invés de recolher a contribuição patronal do INSS de 20% sobre a folha de pagamento. Com isso, e considerando ainda a atual conjuntura macroeconômica (baixo nível de taxas de juros, aumento (real) da renda e do emprego, dentre outros fatores), espera-se continuidade de recuperação da produção em 2013 e nos anos seguintes.

TURISMO



A receita cambial turística, no Brasil, fechou 2012 com alta de 1,37% sobre 2011, atingindo US\$ 6.645 milhões, enquanto as despesas cresceram 4,55%, no mesmo comparativo, totalizando US\$ 22.233 milhões. Os desembarques domésticos registraram queda de 2,5% e os internacionais caíram 1,3% em 2012. O Plano Nacional de Turismo prevê aumento de 47,5% na receita gerada pelo turismo internacional até 2015, quando deverá atingir US\$ 10 bilhões. Essa previsão, contudo, poderá ser comprometida, em função da crise que assola países europeus, não obstante os importantes eventos programados, como a Copa das Confederações (neste ano), a Copa do Mundo (2014) e as Olimpíadas (2016), no Rio de Janeiro.

Artigo do Mês

Marco Aurélio Bedê¹

O Empreendedorismo no Brasil

O Empreendedorismo no Brasil está de vento em popa. A pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM), divulgada recentemente, mostra que, em 2012, em um conjunto de 67 países, o Brasil ficou na quarta posição em termos de número de empreendedores. São 37 milhões de pessoas, entre 18 e 64 anos, que já possuem ou estão fazendo algo para ter o próprio negócio. Isso corresponde a 1 em cada 3 adultos do País.

A pesquisa mostra ainda que, para 89% da população adulta, ter um negócio é considerado uma boa opção de carreira. Foi o maior índice entre os 67 países analisados. Além disso, 44% afirmaram que têm o sonho de ter o próprio negócio. Esse sonho só perde para o de “viajar pelo País” e o de “ter a casa própria”. “Fazer carreira numa empresa”, como empregado, só aparece na 8.ª colocação no *ranking*, sendo citado por apenas 25% dos entrevistados.

A Taxa Total de Empreendedores (TTE), que era de 20,9% em 2002, atingiu 30,2% da população adulta em 2012. Nesse período, a TTE apresentou expansão de 44%. No mesmo período, a proporção de novos negócios abertos “por oportunidade” passou de 44% para 69% do total de empreendedores iniciais. Em paralelo a isso, aumentou o nível de escolaridade dos empreendedores.

A Taxa de Empreendedores Iniciais (TEA), composta por aqueles que estão fazendo algo para ter o próprio negócio ou que já têm um negócio com até 3,5 anos, é mais alta entre os homens, na faixa de 25 e 34 anos, que têm nível superior completo e que ganham até três salários mínimos. O maior número absoluto de empreendedores encontra-se entre os homens, de 25 e 34 anos, que têm segundo grau completo e que ganham entre 3 e 6 salários mínimos. As taxas de empreendedorismo inicial são maiores nas novas gerações.

Nos últimos dez anos, a participação da mulher na TEA passou de 42% para quase 50%, mostrando que, também nessa área, as mulheres vêm ampliando sua participação na sociedade.

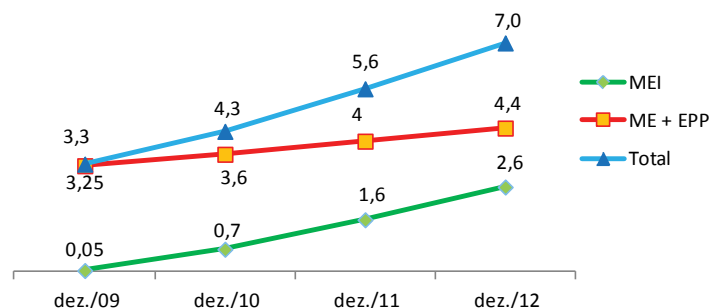
Pela primeira vez, a pesquisa foi realizada a partir de uma amostra com 10.000 pessoas, em todo o País, permitindo leituras regionais. Assim, verifica-se, pela pesquisa, que a região Norte é a que apresenta a maior Taxa de Empreendedores Iniciais (34% contra 30% na média nacional) e a maior proporção de adultos que têm o sonho de ter seu negócio (54% contra 44% na média nacional). O Sudeste apresenta os empreendedores com maior escolaridade (43% têm ensino médio e 15% nível superior, contra 37% e 11%, respectivamente, no nível nacional). O Nordeste e o Sul apresentam a maior proporção de mulheres empreendedoras no total de empreendedores iniciais (52% contra 50% na média nacional). E o Centro-Oeste apresenta a maior proporção de jovens (59% têm entre 18 e 34 anos, contra 52% na média nacional) e a maior taxa de oportunidade (84% contra 69% na média nacional).

Esses dados mostram que o esforço na promoção do empreendedorismo, feito nas últimas décadas, vem apresentando resultados bastante positivos. Mas ainda há por onde avançar. Entre as áreas em que é preciso continuar avançando, destacam-se a necessidade de implantar a Lei Geral em um maior número de municípios e a necessidade de maior capacitação dos empreendedores em termos de planejamento e gestão empresarial.

¹ Doutor em Economia pela FEA/USP

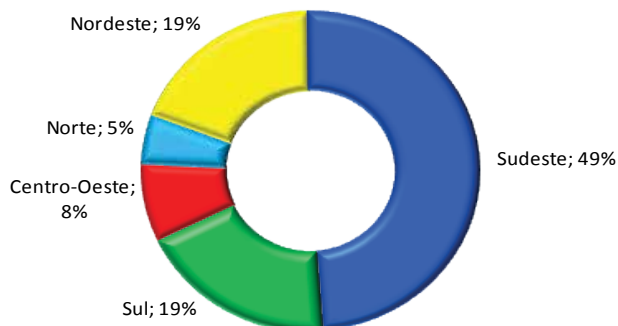
Pequenos negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional
(em milhões)



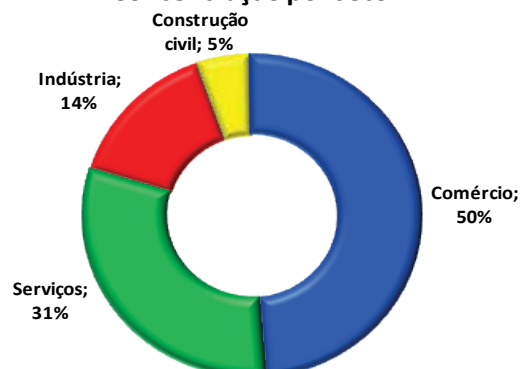
Fonte: Receita Federal

Concentração por região



Fonte: Receita Federal (dez./12)

Concentração por setor



Fonte: Receita Federal (dez./12)

Estatísticas das MPE

Participação das MPE na economia	Referência	Participação %	Fonte
No número de empresas exportadoras	2010	61,5%	FUNCEX
No valor das exportações	2011	0,9%	FUNCEX
Na massa de salários das empresas	2010	40%	RAIS
No total de empregados com carteira	2010	52%	RAIS
No total de empresas privadas	2010	99%	RAIS

Informações sobre as MPE	Referência	Total	Fonte
Quantidade de Produtores Rurais	2010	5,4 milhões	IBGE/Sebrae
Potenciais Empresários com negócio	2009	12 milhões	PNAD
Empregados com carteira assinada nas MPE	2010	14.710 mil	RAIS
Renda média mensal dos empregados com carteira MPE	2010	R\$ 1.099	RAIS
Massa de salários paga pelas MPE	2010	R\$ 16,1 bi	RAIS
Número de MPE exportadoras	2011	11.525	FUNCEX
Valor total das exportações das MPE (US\$ bi FOB)	2011	US\$ 2,2 bi	FUNCEX
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2011	US\$ 192,8 mil	FUNCEX

Microempreendedor Individual (MEI): receita bruta anual de até R\$ 60 mil.

Microempresa (ME): receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.

Empresa de Pequeno Porte (EPP): receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e menor que R\$ 3,6 milhões.